



LAIS GONÇALVES SILVA

**“AQUELE MOMENTO QUE VOCÊ PASSA PELA INIMIGA, O VENTO
BALANÇA SEU CABELO E O DELA CONTINUA DURO”: O USO DO
LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO ENSINO PARA PROMOVER
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**LAVRAS – MG
2019**

LAÍS GONÇALVES SILVA

“AQUELE MOMENTO QUE VOCÊ PASSA PELA INIMIGA, O VENTO BALANÇA SEU CABELO E O DELA CONTINUA DURO”: O USO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO ENSINO PARA PROMOVER EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

“THAT MOMENT YOU WALK THROUGH THE ENEMY, THE WIND BALANCES HIS HAIR AND HER CONTINUES HARD”: THE USE OF CRITICAL RACIAL LETTERING IN EDUCATION TO PROMOTE ANTIRACRATIC EDUCATION

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências presentes no curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

Professora Doutora Helena Maria Ferreira
Orientadora

**LAVRAS – MG
2019**

LAÍS GONÇALVES SILVA

“AQUELE MOMENTO QUE VOCÊ PASSA PELA INIMIGA: O VENTO BALANÇA SEU CABELO E O DELA CONTINUA DURO”: O USO DO LETRAMENTO RACIAL NO ENSINO PARA PROMOVER EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências presentes no curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA EM: 04/12/2019

Profa Dra Luciana Soares da Silva - UFLA

Profa Mestra Elivan Aparecida Ribeiro - UFLA.

Profa Mestranda Natália Rodrigues Nascimento - UFLA

Professora Doutora: Helena Maria Ferreira

Orientadora

LAVRAS- MG
2019

DEDICATÓRIA

A meu pai Sérgio Evandro da Silva, que é meu exemplo de vida, este trabalho de conclusão de curso não é meu, ele é seu.

À minha mãe Marilusa Gonçalves, que sempre me motivou a nunca desistir.

A todos os meus amigos que me deram forças para chegar até aqui. É para vocês que eu dedico este trabalho e esse momento tão maravilhoso da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por conseguir chegar até este momento, acredito que sem Ele eu não seria ‘nada’ e não estaria aqui, e por todas as pessoas que conheci.

Ao meu pai, por estar ao meu lado em todos os momentos me dando força e incentivo, obrigada por nunca ter desistido de mim, obrigada por ter me incentivando a estudar desde pequena, e por me ensinar a ser quem sou, obrigada por tudo. Eu tenho certeza que sem você eu não conseguiria.

À minha mãe Marilusa Gonçalves por enxergar em mim tantas qualidades e por se orgulhar de mim em cada nova conquista.

Ao Júnior Gaspar pelos conselhos e por estar ao meu lado neste momento tão importante pra mim.

Aos meus amigos Julith Paixão, Bruno Borges e Yasmim Milena por estarem do meu lado desde o começo me apoiando e auxiliando em todos os momentos. Como também a minha amiga Karla Marciano, por me apoiar tanto nessa reta final.

Aos presentes que a UFLA me deu: Natália Rodrigues, Juliani Alice, Sidilei Aparecido de Carvalho, Ana Laura Nogueira, Lígia Alder, entre outros nomes importantíssimos que abrilhantaram minha vida dentro e fora Universidade. Agradeço a todos por estarem presentes nessa jornada e segurarem a minha mão nos momentos em que eu mais precisei.

Aos meus professores e minhas professoras, Helena Maria Ferreira, Marco Antônio Villarta Néder, Elivan Ribeiro, Andréa Portolomeos, Larissa Bulhões, Amanda Jackeline que se tornaram minha inspiração diária, agradeço a todos (as) vocês por me ensinarem a ser uma pessoa melhor.

À CAPES pelo apoio financeiro durante o curso, pelo fomento aos Projetos PIBID e Residência Pedagógica, tenho imensa gratidão por contribuírem, de modo significativo, na promoção deste momento incrível em minha vida acadêmica.



*Numa sociedade racista não basta
não ser racista é necessário ser
antirracista.*

Angela Davis

SUMÁRIO

1. Preâmbulo: conhecimento experiencial.....	11
2. Introdução.....	15
3. Teoria Racial Crítica.....	16
4. Letramento Racial Crítico.....	19
5. Sequência Didática.....	23
5.1 Apresentação da situação.....	24
5.2 Produção Inicial.....	27
5.3 Módulo I.....	27
5.4 Módulo II.....	29
5.5 Módulo III.....	31
5.6 Produção Final.....	31
6. Considerações Finais.....	33
7. Referências.....	35

Lista de Ilustrações

Figura 1: Esquema de Sequência Didática	24
Figura 2: Esquema do conteúdo da apresentação da situação.....	24
Figura 3: Esquema: conteúdo Módulo I.....	27
Figura 4: Esquema Conteúdo Módulo II.....	29
Figura 5: imagem retirada do site G1.....	29
Figura 6: Imagem retirada do site de notícias da Record TV.....	30
Figura 7: Imagem retirada da Plataforma Youtube.....	32
Figura 8: Imagem retirada da Plataforma Youtube.....	32

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo, problematizar o ensino de língua portuguesa acerca das relações étnico-raciais. Nesse sentido, o foco do presente estudo consiste em analisar possíveis contribuições da teoria do Letramento Racial Crítico para a promoção de uma reflexão acerca das identidades sociais, mais notadamente, das identidades negras e dos posicionamentos epistemológicos e axiológicos relativos à raça e ao racismo. A partir dessa discussão, espera-se poder problematizar os discursos preconceituosos/racistas que des/re/velam preconceitos e analisar como a perspectiva do Letramento Racial Crítico pode iluminar uma discussão sobre uma educação antirracista, para a construção de identidades e da valorização da cultura negra para formar leitores críticos e proficientes. A reflexão proposta encontra-se embasada nos seguintes referenciais: Alves (2018), Ferreira (2014), (2015), (2018); Gomes (2001), (2011), (2012), Souta (2017), Soares (2014), Ribeiro (2017), (2018); Ribeiro (2019) Silva & Azevedo (2017), entre outros que contribuíram significativamente para as discussões teóricas que fundamentaram a pesquisa. Além disso, buscou-se elaborar uma sequência didática, que contemplará o trabalho com os gêneros do discurso, com foco no gênero *meme*. A partir do arcabouço teórico, foi elaborada uma Sequência didática, destinada ao 3^a do Ensino Médio, a fim de problematizar as questões raciais dentro e fora do âmbito escolar, e também, trabalhar a transmutação de *memes* racistas para a construção de *memes* antirracistas, visando provocar reflexões acerca da produção de sentido. Nesse sentido, Essa Sequência Didática prática metodológica a ser aplicado, para verificar como o processo de Letramento Racial Crítico contribui para a construção das identidades através da educação emancipatória e antirracista. Além disso, verificar, como tal Letramento, pode contribuir para a formação do leitor crítico- reflexivo, a fim de que os alunos e professores percebessem os discursos racistas, e através do pensamento crítico racial, possam intervir de maneira eficiente em tais situações, nas quais muitas pessoas naturalizam o problema, o que acarreta prejuízos, com relação, às construções das identidades negras e não negras.

Palavras chave: Letramentos Raciais Críticos, Preconceito, Racismo Institucional, Sequências Didáticas, Educação Antirracista.

ABSTRACT: This paper aims to problematize the teaching of Portuguese language about ethnic-racial relations. In this sense, the focus of the present study is to analyze possible contributions of Critical Racial Literacy theory to promote a reflection on social identities, most notably, black identities and epistemological and axiological positions regarding race and racism. From this discussion, we hope to be able to problematize the prejudiced / racist discourses that reveal / reveal prejudices and analyze how the perspective of Critical Racial Literacy can illuminate a discussion about an anti-racist education, for the construction of identities and the appreciation of culture. black to form critical and proficient readers. The proposed reflection is based on the following references: Alves (2018), Ferreira (2014), (2015), (2018); Gomes (2001), (2011), (2012), Souta (2017), Soares (2014), Ribeiro (2017), (2018); Ribeiro (2019) Silva & Azevedo (2017), among others that contributed significantly to the theoretical discussions that supported the research. In addition, we sought to elaborate a didactic sequence, which will include the work with the speech genres, focusing on the meme genre. From the theoretical framework, a didactic sequence was elaborated for the 3rd High School, in order to problematize racial issues inside and outside the school, and also to work on the transmutation of racist memes for the construction of anti-racist memes, aiming at provoke reflections about the production of meaning. In this sense, This Didactic Sequence methodological practice to be applied, to verify how the Critical Racial Literacy process contributes to the construction of identities through emancipatory and anti-racist education. Moreover, verifying, as such Literacy, can contribute to the formation of the critical-reflexive reader, so that students and teachers can understand racist discourses, and through racial critical thinking, can intervene efficiently in such situations, in which many people naturalize the problem, which causes damage in relation to the construction of black and non-black identities.

Keywords: Critical Racial Letters, Prejudice, Institutional Racism, Didactic Sequences, Anti-racist. Education.

1. PREÂMBULO: CONHECIMENTO EXPERIENCIAL

A frase que compõe o título deste trabalho “AQUELE MOMENTO QUE VOCÊ PASSA PELA INIMIGA, O VENTO BALANÇA SEU CABELO E O DELA CONTINUA DURO” está relacionada às minhas vivências, como negra¹ e mulher,² pois já presenciei³ frases e situações constrangedoras relacionadas ao meu cabelo crespo, as quais foram incentivadas e promovidas pelo discurso étnico-normativo⁴. Embora a frase em questão possa possibilitar várias interpretações e reações diferenciadas, de acordo com as vivências e orientações ideológicas, para mim, ela constitui um ponto importante para a reflexão sobre a questão da identidade negra, ela se constitui como um incômodo, porque instaura a presença de preconceitos e um ataque ao cabelo crespo, visto socialmente como estigma, mas que é “símbolo de orgulho e afirmação étnico/racial.” (GOMES, 2012, p. 1).

No entanto, muitas pessoas afirmariam que o enunciado acima é apenas uma “brincadeirinha”, ou, que a frase pronunciada não tem relação com racismo, mas que seria simplesmente relações interpessoais de rivalidade entre duas mulheres. Nesse sentido, percebemos que as mulheres, que possuem o cabelo crespo, estão sujeitas a passar por situações constrangedoras, quando escolhem deixar seus cabelos naturais, ou resolvem alisar, pois mesmo que os produtos alisem os seus cabelos, é notório que o procedimento é artificial, e isso infelizmente, abre margem para críticas e desconfortos. Além disso, determinados processos de alisamento deixam os cabelos lisos, mas, não proporcionam o “balançar”⁵ oriundo dos cabelos que são naturalmente lisos, ondulados e/ou cacheados, resultando em frases similares ao título do trabalho.

Notamos que, dentro e fora da escola, são recorrentes posicionamentos que tratam as atitudes racistas como um simples mal entendido ou como liberdade de expressão, e às vezes, justificando o sujeito que cometeu o ato racista, afirmando que esse não fez por mal, entretanto, nós que somos o alvo do racismo, o sentimos na pele, literal e figurativamente. Além disso, deslegitimar, ou seja, não dar crédito ao discurso do negro em uma situação de

¹ Raça: termo de cunho social e não biológico.

² Gênero: “A ideia de papéis dos sexos, ou o que mais tarde começou a ser chamado de gênero, reconhecia que a identidade não era determinada no nascimento, de acordo com alguma natureza intrínseca, mas sim era dependente dos papéis estruturais que os indivíduos desempenham na sociedade”. (Figueira, 2011 p. 19).

³ O Preâmbulo será escrito na primeira pessoa do singular por se tratar de um relato experiencial. E o restante do trabalho será escrito em 1º pessoa do plural.

⁴ Discurso Étnico Normativo; discurso preconceituoso, racista que ele um determinado grupo em detrimento a outro.

⁵ Observação: Sabemos os cabelos crespos não precisam balançar, pois não há essa necessidade.

racismo dificulta todo o processo de reconhecimento do problema. Logo, ao buscar soluções, essas ações acabam evidenciando o descaso por parte das autoridades presentes tanto no âmbito escolar, quanto no âmbito social, impedindo as desconstruções de paradigmas racistas, incentivando as ideologias excludentes ⁶ que reverberam o racismo em todas as estruturas de nossa sociedade.

Nesse contexto, esse trabalho representa para mim uma possibilidade de refletir sobre a minha condição de negra e de mulher, desse modo, poder contribuir para discussão acerca da relevância de se promover uma formação de sujeitos – alunos e professores – em uma perspectiva crítica. Por isso, assumo como referencial teórico a Teoria Racial Crítica, que segundo Tate (1997 apud RIBEIRO, 2019, p.46) “reconhece o conhecimento experiencial das pessoas de cor”⁷. Trago um breve relato sobre meu conhecimento experiencial relacionado à minha transição capilar. Eu sou filha de pai negro e mãe parda, mas, em algumas situações, minha mãe é considerada como uma pessoa branca. Eu sou negra e tenho cabelo crespo. Certa vez, quando eu tinha aproximadamente 10 anos, fui a uma festa de aniversário de uma amiga da minha mãe, todas as pessoas que estavam lá eram brancas, no final da festa, um senhor branco, parente da aniversariante, virou pra mim na frente de todo mundo e falou: “você deveria pentear o seu cabelo, tem que dar um jeito nele”.

A princípio, eu não entendia a situação, pois era uma criança e já havia penteado o meu cabelo, para ir a tal comemoração, porém, quando ele falou isso, todas as pessoas da mesa começaram a rir. Então, sim, “caiu a ficha”, eu fiquei deslocada, no momento eu não falei nada, só me retirei do lugar onde eles estavam, e não contei nada a minha mãe, pois ela não estava perto quando tudo aconteceu. Eu fiquei “sem lugar”, tentei disfarçar, porém, fiquei muito triste e desde aquele momento parei de gostar do meu cabelo e comecei a me sentir feia, principalmente por se tratar de um momento em que eu estava vivenciando a fase de transformação de criança para pré-adolescente.

O padrão de beleza era cabelos lisos, e eu não tinha nenhuma referência de cabelo crespo igual ao meu, pois minha mãe tinha cabelo cacheado e minhas tias por parte de pai alisavam. Então, pedi para o meu pai, que “pelo amor de Deus”, ele me desse dinheiro e deixasse alisar o meu cabelo de novo, isso já era na segunda vez que eu havia alisado o meu cabelo, a primeira vez eu tinha cinco anos. E a partir disso, eu não parei mais até os meus

⁶ Ideologias excludentes: De que o cabelo crespo é ruim, de que todo negro e bandido, ou que negros são intelectualmente inferiores que as demais etnias.

⁷ Não tenho predileção pela expressão “pessoas de cor”. O uso se deu apenas para preservar a fidelidade dos autores estudados.

vinte dois anos, mesmo que os procedimentos queimassem o meu coro cabeludo, mesmo que o meu cabelo caísse por consequência da quantidade de química, o que importava, era obter o meu cabelo liso. Quanto mais perto do padrão eu tivesse e me afastasse da minha negritude era a “melhor recompensa pra mim”, porque inconscientemente me afastava do “fantasma” daquele dia horrível que eu havia vivenciado.

Na escola, eu sofria racismo quase todos os dias, antes de alisar e depois que eu já havia alisado, as crianças miravam em outros traços; como por exemplo: meu nariz largo, sempre era o alvo, muitas vezes, quando era mais nova pensei em fazer cirurgia plástica, para afinar meu nariz, pois, tanto nas novelas (representações midiáticas), quanto entre as conversas com os meus conhecidos, o padrão de beleza era o branco, nariz “fino”. Eu me lembro que na quinta série, atual sexto ano, eu não queria ir pra escola, certa vez, até cheguei a brigar fisicamente com outra aluna também negra que tinha me chamado de “cabelo ruim”, de “Bombril”, entre outros xingamentos. Isso foi o ápice da minha revolta, os outros alunos separaram, depois de um tempo, ela me pediu desculpas, mas aquele acontecimento marcou muito a minha trajetória escolar, depois daquilo comecei a ficar mais sozinha, foi então que comecei a me interessar pelos livros e pelo esporte, eles eram meu “refúgio”, e foi quando consegui amigos que jogavam vôlei comigo e me chamavam para fazer trabalhos juntos. Quando eu tinha 14 anos tudo mudou, primeiro porque devido ao esporte meu corpo tinha se transformado em um corpo de atleta, sendo assim chamava atenção como o corpo de uma mulher adulta; segundo, porque eu mudei de escola, logo os meninos começaram a se interessar e as ofensas cessaram.

Sempre estudei em escola pública, em 2016 ingressei no curso de Letras na Universidade Federal de Lavras, através dos Sistemas de Cotas⁸, Tanto por ser negra, quanto por e cursado toda minha educação em escola pública, meu letramento Universitário se deu através das práticas sociais que eu vivi naquele momento da minha vida. Quando eu tinha vinte um anos, no ano de 2017, comecei participar do PIBID; Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência financiado pela CAPES; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e ofertado pelo departamento de Linguagens da UFLA; Universidade Federal de Lavras logo, conheci um projeto intitulado “África em verso e em prosa”, que era desenvolvido em uma escola estadual no município de Lavras, do qual comecei a participar. Esse projeto consistia em estudar e valorizar a cultura africana e era

⁸ Sistema de Cotas: Ação afirmativa que visa inserir os negros/pardos/ indígenas juntamente com os alunos de escola públicas no ensino superior, através de políticas públicas que estão pautadas nas leis de nº 12.711/2012 e 11.645/2008.

destinado aos alunos do fundamental II. Ao longo de um ano, trabalhamos com essa temática e junto com os alunos, eu fui me (des)construindo em relação a meu cabelo crespo e a cultura negra, comecei a estudar mais sobre o assunto, e cada dia que passava, esse movimento de buscar o conhecimento me dava forças para resistir aos discursos étnico-normativos. Até que, no final de 2017, eu mesma resolvi cortar o meu cabelo e tirar toda a química dele. O meu processo de transição foi e está sendo possível a partir das leituras realizadas acerca da Teoria Racial Crítica, que me possibilitou respostas para várias questões que nunca tinham sido problematizadas de modo sistematizado. A partir do momento em que eu conheci e entendi a minha identidade, na condição de negra e mulher, eu passei a me sentir mais livre.

A partir daí, comecei a perceber que os discursos, tanto o preconceituoso, quanto o de “neutralidade” dificultam o processo de construção da identidade negra e fazem com que as estruturas racistas permaneçam em nossa sociedade. Dessa forma, Ribeiro (2019) salienta que

as relações de poder e hierarquias raciais que visam consolidar por meios discursivos, quem é o superior ou quem é o inferior no que diz respeito ao racismo, não devem ser negligenciadas, mas sim ressaltadas com finalidades de se romper com discursos racistas tão, facilmente encontrados e camuflados pela simples desculpa de que “ele não existe” e de que mencionar essa temática está ultrapassada, pois é histórica.(RIBEIRO, 2019, p. 70).

Nesse viés, Silva e Azevedo consideram que “a sociedade atual insiste em negar o racismo, e que quanto mais tarde essa sociedade encarar as mazelas históricas da desigualdade racial, mais jovens negros terão sua cidadania sepultada.” (2017, p. 214) Assim, é fundamental que haja políticas afirmativas que promovam a valorização da cultura negra e a percepção das condições de Ser Negro na sociedade, a fim de que todo o processo histórico seja legitimado e respeitado dentro e fora das salas de aula.

Desse modo, esse preâmbulo diz muito de mim e sobre mim, sobre os deslocamentos e o percurso pessoal de me reconhecer como uma pessoa que valoriza a própria condição de ser negra e mulher em uma sociedade que ainda precisa (re)significar os discursos e os posicionamentos em relação às relações étnico-raciais e às desigualdades raciais.

1. INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, sabemos que há discursos que fomentam atitudes racistas, por sua vez refletem o pensamento de uma sociedade que se constituiu por meio de práticas de dominação de um povo sobre o outro. Nesse contexto, presenciamos situações nas diferentes interações do cotidiano (mídias, escolas, comunidade, comércio) que evidenciam situações preconceituosas, que marginalizam determinados grupos sociais e privilegiam outros.

Entendemos que, no contexto escolar, o racismo geralmente é confundido com *bullying* e a comunidade escolar “não sabe” como resolver a situação ou prefere não se envolver, alegando que no cotidiano atual não há racismo ou que essa questão deve ser abordada por determinados conteúdos curriculares ou em determinadas datas comemorativas. Esse posicionamento parece naturalizar o preconceito, o que evidencia uma falta de preparo dos professores para a preparação de alunos críticos para a vida na sociedade contemporânea. É recorrente a discussão sobre os letramentos, que dizem respeito aos usos sociais da leitura e da escrita. No entanto, há outros tipos de letramentos sociais que também precisam ser contemplados pelas práticas educativas.

Ao discorrer sobre essa questão, vale ressaltar que as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteram a Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional, garantem que a História e Cultura Afro- Brasileira e Africana e Indígenas, sejam incorporadas no currículo das escolas de todo o Brasil. Porém, é notório que, em grande parte das situações essas questões raciais são tratadas como um conteúdo isolado, e que tais, são mencionadas somente em datas comemorativas, como por exemplo, 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”, camuflando as estruturas racistas presentes em nosso contexto, como também em seu processo histórico/cultural. Para Lobo, Villarta-Neder e Ferreira (2019, p. 194), não é “suficiente abordar a temática do racismo em datas comemorativas ou como um tópico de um ementário, é preciso implicar os sujeitos para uma (re)significação discursiva para a mobilização para a assunção de um posicionamento crítico”, por parte dos sujeitos (alunos e professores).

O foco do presente estudo consiste em analisar possíveis contribuições da teoria do Letramento Racial Crítico para a promoção de uma reflexão acerca das identidades sociais, mais notadamente, das identidades negras e dos posicionamentos epistemológicos e axiológicos relativos à raça e ao racismo. A partir dessa discussão, espera-se poder problematizar os discursos preconceituosos/racistas que des/re/velam preconceitos e analisar como a perspectiva do Letramento Racial Crítico pode iluminar uma discussão sobre uma

educação antirracista, para a construção de identidades e da valorização da cultura negra para formar leitores críticos e proficientes.

3. TEORIA RACIAL CRÍTICA

Ao discorrer sobre a Teoria Racial Crítica, é relevante pontuar que essa discussão originou-se no contexto de um movimento que problematizou o fato de que a “integração na academia [que] não convidava a transformar o modo de pensar sobre a vida social” (FERREIRA; QUEIROZ, 2018, p. 204)⁹. A partir da análise das experiências das “pessoas de cor”, os idealizadores buscaram encarar as várias formas de racismo e suas intersecções com outras formas de subordinação e a desafiar o status para a promoção da justiça social.

Assim, a Teoria Racial Crítica surgiu nos Estados Unidos com o objetivo de rever os direitos civis dos negros, a fim de promover a igualdade. Inclusive, a teoria trata os elementos como gênero, fatores econômicos e sociais de maneira entrecruzada, ou seja, articula gênero, raça e classe, pois eles estão entrelaçados e envoltos no mesmo espaço. Assim, é necessário ressaltar que a Teoria Racial Crítica a partir da necessidade de se criar uma teoria que elege a raça como prioridade.

Segundo Tate (1997, p. 234-5, apud RIBEIRO, 2019, p. 46.), a Teoria Racial Crítica tem cinco pontos norteadores que a constituem, a saber:

1. A Teoria Racial Crítica reconhece que o racismo é endêmico na sociedade estadunidense, profundamente impregnado do ponto de vista legal, cultural e mesmo psicológico.
2. A Teoria Racial Crítica atravessa barreiras epistemológicas, pois usa de várias tradições, como, por exemplo, lei e sociedade, feminismo, marxismo, pós-estruturalismo, estudos críticos legais. Dessa forma, obtém uma análise mais completa de raça.
3. A Teoria Racial Crítica reinterpreta o direito aos direitos civis à luz de suas limitações, mostrando que as leis são sempre minadas antes mesmo que elas sejam completamente implementadas.
4. A Teoria Racial Crítica retrata as afirmações legais dominantes de neutralidade, de objetividade, de “color blind” de não ver cor e a meritocracia como camuflagem para próprio interesse de entidades poderosas da sociedade.
5. A Teoria Racial Crítica reconhece o conhecimento experiencial das pessoas de cor.

⁹ A principal corrente de pensamento que se vincula diretamente ao nascimento da TCR, sem dúvida, é o Critical Legal Studies – CLS. No final dos anos 1960, o CLS surge como uma crítica à concepção liberal e conservadora de que o direito era qualitativamente diferente da política, resgatando muito do Realismo Jurídico, para uma crítica em larga escala ao papel do direito em auxiliar à racionalização de uma ordem social injusta. E já no final dos anos 1970, se estabelece como um “movimento político, filosófico e metodológico eclético, mas intelectualmente sofisticado e ideologicamente de esquerda” (Farganis, 2014).

Ao considerar o racismo como um problema endêmico, a Teoria Racial Crítica apresenta uma problematização ampliada das questões raciais, dimensionando-as em uma perspectiva que contempla políticas públicas, discursos e tradições, aspectos subjetivos, exigindo uma revisitação dos princípios epistemológicos (concepções, teorias, pressupostos) e axiológicos (valores, crenças, tradições) para a construção de uma visão aprofundada das relações étnico-raciais, que não podem ser concebidas de forma apartada das relações sociais. Além disso, há uma interpelação aos direitos civis, que demandam uma reelaboração das bases legais. Soma-se a essas questões, o enfrentamento dos discursos que circulam na sociedade e que desconsideram a historicidade e as relações de poder. Por fim, essa teoria também tem por base “dar voz” às pessoas negras, que experimentam diversos tipos de violência real e simbólica.

Embora a teoria seja de origem estadunidense, Ribeiro (2019) ressalta que o racismo é uma prática que está enraizada na maioria dos espaços, e principalmente nas sociedades que foram colonizadas e exploradas pelos europeus, como é o caso do Brasil. A autora atesta que ambas as nações “passaram pelo mesmo problema e processo, de um passado histórico e social de dominação e colonização, sustentado pela escravidão, principalmente no que se refere às pessoas negras oriundas de matriz africana”. (RIBEIRO, 2019, p.43)

Essa exclusão social demanda a instauração de bases legais que assegurem ações de políticas afirmativas. No entanto, de acordo com os princípios fundamentais da Teoria Racial Crítica, tais ações não atingem as pessoas que mais precisam, com isso, direitos necessários, como saúde, educação e segurança, não são legitimados pelas autoridades e pelos grupos privilegiados, e muitas dessas ações afirmativas perdem a força antes de se tornarem efetivas. Isso demanda a criação de movimentos sociais para a garantia dos direitos sociais.

Além disso, a Teoria Racial Crítica problematiza também a questão do acesso aos direitos e atribui relevância às histórias alternativas. Para Gandin, Diniz-Pereira e Hypolito (2002, p. 277), “a Teoria Racial Crítica assevera: “Há uma outra história a ser contada”. Ela baseia-se fortemente na recuperação da história e da memória em oposição ao tradicional, empírico e estéril “Estes são os fatos”; “Isto foi o que aconteceu.””

Essa abordagem permite a desnaturalização dos discursos que ignoram o passado histórico de escravidão, que perpetuam a discriminação e o preconceito em vários espaços e situações, tais como mercado de trabalho (serviços braçais com remuneração baixa); a falta de escolarização (índices baixos de acesso à escola); a representatividade nas mídias sociais (privilégios para pessoas com fenótipo branco), o acesso aos direitos fundamentais (moradia, segurança, saúde, educação entre outros). Embora a realidade brasileira já apresente

evoluções no que tange ao reconhecimento da igualdade racial, ainda há demandas para a minimização dessa herança histórica que reverbera em discursos étnico-normativos e em ideologias excludentes¹⁰.

Laborne salienta que a “[...] branquitude como um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade.” (Laborne, 2014, p. 152).

Nessa direção, ao atribuir centralidade ao conhecimento experiencial¹¹, “A Teoria Racial Crítica reconhece o conhecimento empírico das pessoas de cor como credível, altamente valioso e imprescindível para a compreensão, à análise e o ensino sobre a subordinação racial em todas as suas facetas” (CARRASCO, 1996 apud FERREIRA, 2014, p. 243). O acesso aos discursos, expressões e formas de conhecimento dos sujeitos marginalizados pode favorecer a compreensão de aspectos estruturais e complexos das interações sociais de forma mais ampla e deslegitimar crenças, reduzir violências e demais formas de opressão estruturais e estruturantes, reconfigurar espaços de poder e visibilidade.

Portanto, Ferreira (2014) assevera que a “Teoria Racial Crítica “considera narrativas, autobiografias, histórias, contra narrativas, histórias não hegemônicas, cartas (...) para demonstrar como o racismo é estrutural na sociedade e no ambiente educacional.” (FERREIRA, 2014, p.238). O conceito de “lugar de fala”, popularizado para além da academia nos últimos anos, no Brasil, em grande medida por feministas negras (RIBEIRO, 2017) se aproxima de preocupações interseccionais sobre os objetos de análise, mas também sobre seus sujeitos.

Nessa perspectiva, notamos que a Teoria é multifacetada e abrange outros campos, como, por exemplo: Direito, Sociologia, História, Psicologia entre outros, iniciando sempre do mesmo ponto de partida, a raça, analisando o seu poder de influência em todos os espaços

¹⁰ Para Stafuzza e Oliveira (2014), a classe dominante, no/sobre o tempo-espaço da colonização, (re)vela algumas práticas e discursos: i) o colonizador desumanizar o negro retirando-lhe sua língua, seu nome, sua religião e sua cultura africana, substituindo-a pela cultura cristã portuguesa; ii) o colonizador considerar o negro um mero instrumento de trabalho nas grandes fazendas e na mineração, sendo comparado com animais (macaco, mula), com a justificativa de que os negros não possuíam almas, por isso não sentiam o peso da escravidão; iii) a cristalização da ideia de que seria melhor que os negros fossem escravos, pois a escravidão os tirariam das mazelas em que viviam; iv) a cristalização da ideia que os negros não eram maltratados e sim civilizados e, ainda, pós-escravidão, recorrer ao discurso que os negros não eram capazes de serem trabalhadores livres. [...] Essas práticas e discursos equivalem aos diferentes modos de como o mundo entra no campo de apreciação dos grupos sociais.

¹¹ É válido destacar que, pela relevância atribuída ao conhecimento experiencial é que o trabalho se inicia por uma narrativa pessoal.

para observar como as desigualdades aparecem na sociedade. Glória Ladson-Billings¹² foi quem, juntamente com outros estudiosos trouxeram os estudos para o campo educacional.

Discorrendo sobre essa questão, Ribeiro (2019, p.44) elucida que:

Billings (2008) passa a articular e a empregar em seus estudos a Teoria Racial Crítica, juntamente com o fator pedagógico, com vistas a sinalizar para uma abordagem da temática em questão, tanto no campo curricular e quanto na formação docente no que tange às questões crucialmente pertinentes à raça.

Portanto, diante do exposto acima, é válido ressaltar a importância desses estudos para uma educação emancipatória, crítica e antirracista, que proporciona um diálogo com vários elementos que constituem o sujeito, como por exemplo: raça, questões socioeconômicas e estéticas que serão pautadas através do estudo, considerando a história e a cultura do outro para uma educação equânime.

4. LETRAMENTO CRÍTICO

Concebendo a sociedade como um ambiente de interação, há diferentes concepções e posicionamentos em relação às questões sociais. Essa questão interpela o conceito de Letramento Crítico. Para Carbonieri (2016, p. 133),

o letramento crítico nos ajuda a examinar e combater visões estereotipadas e preconceituosas que por ventura surjam nas interações em sala de aula e fora dela. É uma perspectiva educacional que tem como propósito instigar o indivíduo a repensar sua realidade, auxiliando-o a tornar-se mais consciente e autônomo para transformá-lo, se assim o decidir. O letramento crítico interroga as relações de poder, os discursos, ideologias e identidades estabilizados, ou seja, tidos como seguros ou inatacáveis. Proporciona meios para que o indivíduo questione sua própria visão de mundo, seu lugar nas relações de poder estabelecidas e as identidades que assume. Alicerça-se no desafio incansável à desigualdade e à opressão em todos os níveis sociais e culturais. Nesse sentido, o letramento crítico só pode ser uma prática descolonizadora que busque interromper a colonialidade do poder ainda em curso.

Logo, o processo de letramento crítico é fundamental, para que haja a promoção de uma educação plural que respeite as especificidades, a fim de, tornar as oportunidades mais justas na sociedade, como também ampliar a noção de identidade dentro da sala de aula, indo de encontro e contrapondo aos discursos étnicos normativos. Nesse viés, Ferreira(2015, p.

¹² Glória Ladson- Billings foi a pesquisadora que juntamente com outros estudiosos trouxeram a Teoria Racial Crítica para o campo educacional.

138) desdobra esse conceito e desenvolve uma teorização acerca do Letramento Racial Crítico, que,

é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. (FERREIRA, 2015, p. 138).

Nesse contexto, desenvolver habilidades de letramento racial significa buscar posicionar-se criticamente frente às situações de racismo, buscando sempre compreender o contexto histórico-social, os efeitos dos discursos que circulam na sociedade, as motivações e os enfrentamentos das desigualdades raciais, entre outros. “O letramento racial é uma forma de responder individualmente às tensões raciais.” (FERREIRA, 2015, p. 138). Assim, cabe à escola promover espaços para uma educação antirracista, ou seja, para que os alunos possam “desaprender” os discursos e práticas estereotipadas que circulam na sociedade. Uma educação antirracista busca problematizar as relações étnico-raciais, em uma perspectiva socio-histórico-ideológica e promover uma formação para o agir, de modo a empreender uma postura de respeito e de engajamento para a promoção da justiça social.

Tal prática permite que o discente tenha contato com textos e discursos de que valorizem a cultura afro-brasileira e/ou apontem situações que precisam ser mudadas em relação ao racismo institucional, promovendo momentos de discussões e reflexões, nos quais os alunos negros e não negros tenham a oportunidade de falar, a partir de suas vivências e crenças, tendo a presença do docente que não será somente o mediador do pensamento crítico e reflexivo, mas um agente social comprometido com a transformação social dos alunos, com o objetivo de desconstruir as ideologias preconceituosas vigentes.

Ressaltamos que, a educação antirracista propõe rever questões culturais, políticas, sociais e históricas, pois o discurso étnico-normativo, narra apenas a história sob perspectiva do colonizador, e não do colonizado. Gomes e Silva (2011, p.16) asseveram:

Os profissionais que atuam na escola pública e demais espaços educativos sempre trabalharam e sempre trabalharão com as semelhanças e as diferenças, as identidades e as alteridades, o local e o global. Por isso, mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar com as diferenças é preciso, antes, que os educadores e as educadoras reconheçam a diferença como tal, compreendam-na à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação.

A escola é um espaço capaz de transformar realidades, tanto sob perspectiva de uma educação antirracista, quanto no viés da proliferação de ideias, que privilegiam a cultura eurocêntrica em detrimento aos demais grupos étnicos. Nessa direção, determinados grupos serão subjugados, devido à promoção de ideias, que salientam e afirmam que: “o negro não é bonito”, “o negro não consegue aprender”, ou seja, que devemos nos inspirar nas culturas europeias ou estadunidense, pois, são ‘civilizações’ mais evoluídas, e os demais países devem e/ou deveriam se curvar à sua soberania. Assim, Silva e Azevedo (2017, p.214), ilustram:

O racismo se manifesta via adoção da crença (ou ideologia) da superioridade, natural (geralmente mediada por uma noção, mesmo que vaga, de transmissão pelo sangue ou pela hereditariedade) de um grupo racial sobre outro (do branco sobre o negro). No plano estrutural, o racismo consiste no sistemático acesso desigual a bens materiais entre os diferentes segmentos raciais. Esta conceituação considera o preconceito interpessoal como apenas uma das possíveis manifestações do racismo.

Nesse sentido, é dever dos professores, como agentes sociais e críticos inserir em suas aulas metodologias que incentivem a valorização da cultura Afro-brasileira. Abordando temáticas que mencionem que a África é o berço da humanidade e que no continente africano também se produz tecnologia, assim como nos demais, que as religiões de matrizes Africanas devem ser respeitadas, que o cabelo crespo/cacheado, e os diversos tons da pele negra são belos, e merecem ser contemplado da mesma forma, sem distinção, ou seja, toda beleza deve ser respeitada e aceita. Diante do exposto, Gomes (2001, p.89) explana que:

No Brasil, ser negro é tornar-se negro. O conhecimento dessas questões pode nos ajudar a superar o medo e/ou desprezo das diferenças raciais ainda presente na escola e na sociedade. Entender essa complexidade é uma tarefa dos/as profissionais da educação. É tarefa de uma escola que se quer cidadã e, por isso mesmo, não pode deixar de incluir a questão racial no seu currículo e na sua prática. [...] A superação das práticas racistas veladas e explícitas no cotidiano escolar, que vão desde a escolha do professor ao tratamento dado aos pais/mães e aos/as alunos/as negros/as. Significa rever as enunciações e a maneira como o segmento negro é retratado nos cartazes, nos livros didáticos, nas festas e nos auditórios. Representa, também, desvelar o silêncio sobre a questão racial na escola.

O Letramento Crítico Racial contribui para que os sujeitos tenham condição de enxergar as desigualdades existentes em nosso meio, a saber, quem pratica e quem sofre. A partir da problematização dos discursos, é possível constatar que não há verdade absoluta e que os conteúdos temáticos escolares podem ser questionados e/ou problematizados. Souta (2017, p. 87) postula que:

O letramento racial crítico permite o aprendizado e a problematização do discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que não têm respeito à diferença. A escola deve, de maneira crítica, abordar textos e produtos das diversas culturas e mídias para que se desvele suas intenções, finalidades e ideologias.

Nesse sentido, situações de discriminação podem ser identificadas nos textos trabalhados e nos acontecimentos do cotidiano. Uma intervenção planejada e orientada nos pressupostos da Teoria Racial Crítica pode promover o aperfeiçoamento de habilidades para a problematização dos enunciados que compõem os textos/as situações e para a adoção de ações assentadas em princípios éticos e inclusivos. Os alunos podem perceber quais são os grupos que estão à margem na sociedade, e quais discursos acentuam a prática da exclusão, bem como quais são as estruturas sociais e atitudes que conservam outros grupos no lugar privilegiado, e quais são as políticas afirmativas que encurtam as diferenças sociais e econômicas entre os grupos.

Segundo Monte Mór (2013, p.42),

O[s] letramento[s] crítico[s] parte[m] da premissa de que a linguagem tem natureza política em função das relações de poder nela presentes”, o que implica na inexistência de neutralidade em qualquer texto e requer dos leitores e leitoras uma conscientização crítica para construir seus significados. Nesse sentido, “letramento[s] crítico[s] consiste[m] em não apenas ler, mas ler se lendo.

Levando em consideração o que foi elucidado, é importante que o leitor leve em conta suas experiências e seus conhecimentos prévios, para que ele possa ampliar as suas habilidades de letramento crítico para se tornar um leitor proficiente, capaz de (re)significar discursos, analisar episódios de preconceito, atuar de modo ético e responsável nos diferentes espaços sociais. Sendo assim, em face do exposto, é necessário considerar que os sujeitos que são impelidos a problematizar as relações étnico-raciais podem ser capazes de se colocar no lugar do outro e fazer a assunção por atuar criticamente na sociedade. Nesse âmbito, cabe à escola promover espaços para que os alunos possam experimentar situações que viabilizem “questionamentos das práticas discursivas e o reconhecimento da relação entre cultura, poder e dominação com vistas à justiça social, igualdade, emancipação e empoderamento”. (DUBOC, 2016, p. 61)

Nesta direção, a próxima seção apresentará uma proposta de sequência didática, que teve por propósito problematizar as questões étnico-raciais.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Antes de apresentarmos a sequência didática produzida, consideramos relevante caracterizar esse procedimento metodológico. Concebendo a escola como um lugar de interações e de uma articulação com a sociedade em geral, a (SD) auxilia o docente a organizar os seus recursos e as atividades em sala de aula, para aproveitá-los de maneira eficiente e satisfatória. Desse modo, é possível planejar o tempo que a intervenção irá durar, a partir do diagnóstico da produção inicial, que faz com que o professor repense seu planejamento, de acordo com as necessidades e como o contexto da sala de aula.

O trabalho com sequências didáticas permite ao aluno saber, desde o começo, porque e pra que está trabalhando. Imaginemos o caso de uma escrita de receita culinária destinada a outro grupo de alunos com o qual se mantém uma correspondência escolar; a primeira produção permite ao professor observar o que os seus alunos já sabem fazer e analisar quais são os principais problemas de escrita. Em função destes, o professor seleciona uma série de oficinas – exercícios e atividades – organiza-as em várias sessões de trabalho e negocia com seus alunos os objetivos que quer alcançar. (PASQUIER; DOLZ 1996, p. 8, apud SOUSA, 2018, p.20).

É importante que o docente crie estratégias que valorizem os diversos saberes para atuar de maneira efetiva, tendo como finalidade auxiliar na autonomia do estudante. Diante do exposto, é válido mencionar que a sala de aula é um ambiente plural, e que os docentes devem ter metodologias que flexibilizem o aprendizado através dos gêneros discursivos. Logo Sousa (2018, p.15) faz a seguinte afirmação:

A sequência didática reafirma o posicionamento do indivíduo na experimentação e análise da realidade a ser compreendida, por meio de um conjunto de atividades organizadas que parte da proposta diagnóstica às etapas de elaboração da intervenção pedagógica.

Nessa perspectiva, entendemos que a (SD) é concebida como um método que ajuda na tomada de decisão, com o objetivo de tornar a análise em ação real, para auxiliar nas problemáticas existentes dentro e fora da sala de aula.

As sequências didáticas são importantes, pois os alunos juntamente com o professor conseguem alcançar os objetivos negociados no início da intervenção, os quais, também, no decorrer desse processo podem ser alterados, de acordo com as necessidades encontradas no percurso. Assim, é crucial que o aluno tenha a percepção do que está acontecendo na sala de aula, pois ele é um sujeito ativo no processo, podendo realizar escolhas e produzir sentidos para a aprendizagem.

Segundo Sousa (2018, p.20), “uma sequência didática perpassa pelo planejamento e apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final na realidade social de valorização dos saberes e competências adquiridos na formação ética e social do sujeito.” Enfim, as sequências didáticas, auxiliam no planejamento didático perpassando por várias etapas, e sempre é importante levar em consideração os diversos níveis de desenvolvimento de aprendizagens dos alunos.

Desse modo, optou-se por propor e organizar uma sequência didática, com o objetivo de reunir textos verbais e não verbais que suscitem discussões e reflexões sobre a temática das relações étnico raciais, a fim de contribuir para uma educação antirracista.

Tema: Letramento Racial Crítico para a valorização da identidade afro-brasileira

A Sequência Didática será desenvolvida de acordo com o esquema abaixo:

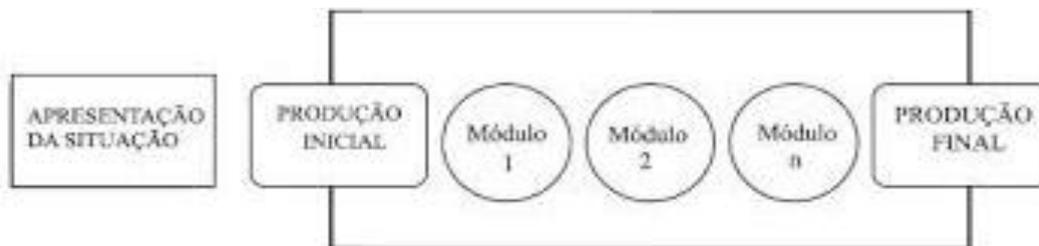


Figura: 1 Esquema de sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p.98).

5.1 Apresentação da Situação

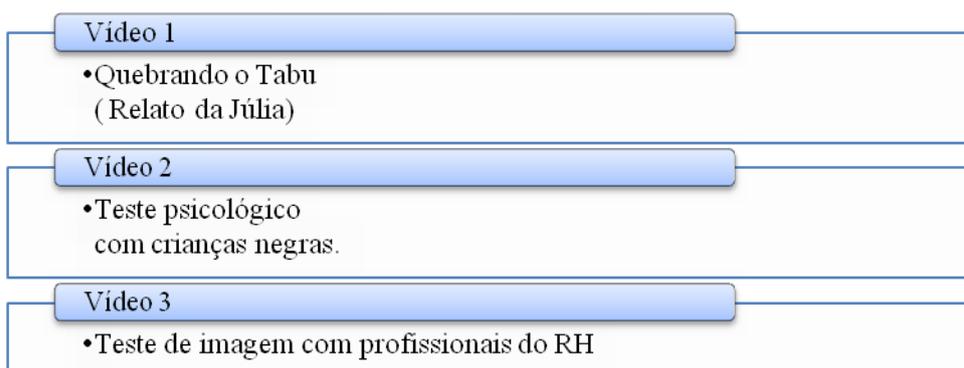


Figura 2: Esquema: Conteúdos do módulo I

Será exibido o primeiro vídeo divulgado pelo *Quebrando o Tabu*¹³, com o relato de uma menina negra, a qual pede aos pais para educar seus filhos, a fim de que eles parem de ser racistas com ela. O objetivo de iniciarmos a SD com esse apelo, no vídeo é de ativar os

¹³Disponível em: <<https://www.facebook.com/rosana.siqueiratavares/videos/541100623011976/UzpfSTEWMDAwNTA0NDIwMTc2MT0xMzM3MDY4NDI5ODA0NjE4/>> Acesso em: 10 de Nov.

conhecimentos prévios dos alunos, a partir daquilo que eles identificarem nas suas vivências. O incômodo trazido pelo relato da criança pode propiciar uma discussão sobre o racismo institucionalizado na sociedade.

Na sequência, sugerimos expor outro vídeo, o qual apresenta um *teste psicológico sobre racismo*, realizado com bonecas (brancas e negras)¹⁴ em que as crianças negras, individualmente tinham que escolher dentre várias bonecas, qual era a boneca mais bonita, qual era a boneca mais legal, qual boneca era a mais malvada, qual boneca era mais feia, e qual era a boneca mais agradável. E depois, as crianças tinham que justificar sua resposta, no final do teste, foi perguntado às crianças, qual das bonecas se pareciam com a criança entrevistada, e as respostas demonstradas no vídeo foram surpreendentes, pois sinalizavam a imagem negativa que as crianças tinham sobre o que era o “Ser Negro”. Apesar de o teste exibido no vídeo ser realizado em 1940, a abordagem que o vídeo traz ainda é pertinente para as discussões sobre a construção da identidade negra, uma vez que o racismo continua institucionalizado e ainda está presente em grande parcela da sociedade, que ainda reproduz ou silencia essas ideologias racistas.

Posteriormente, demonstraremos outro vídeo¹⁵, intitulado *Racismo Institucional, teste de imagem, campanha governo do Paraná*, que mostra dois grupos de profissionais dos Recursos Humanos, que são expostos a um teste de imagens, no qual as pessoas brancas e negras são fotografadas nas mesmas situações, e cada grupo de profissionais reage de uma forma de acordo com a cor da pele das pessoas que aparecem nas fotografias. O grupo um analisa imagens de pessoas brancas, e o objetivo do teste é que eles descrevam as situações que as pessoas estão na imagem. Assim, na primeira situação, foi mencionado que o rapaz branco que aparecia na imagem estava correndo, porque ele estava atrasado. Na segunda situação, uma moça olhando para uma roupa foi intitulada como designer de moda ou escolhendo uma roupa pra ela comprar. Na terceira imagem, há um homem branco de terno diante da qual os profissionais de RH dizem que ele é um executivo que trabalha na área de finanças ou na própria área de Recursos. Na quarta foto aparece um rapaz branco com roupa de verão e os mesmos profissionais mencionam que o jovem está cuidando do jardim da casa dele, que não tinha cara de ser empregado não. Na quinta foto, aparece uma mulher branca

Disponível

em<<https://www.facebook.com/rosana.siqueiratavares/videos/541100623011976/UzpfSTEwMDAwNTA0NDIwMT0xMzM3MDY4NDI5oDA0NjE4/>> Acesso em: 10 de Nov.

²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TY_rdxvhffM> Acesso em: 10 de Nov.

¹⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI_jcoDQ> Acesso em: 10 de Nov.

lavando a pia de uma casa, os profissionais inferiram que a mulher estava limpando a própria casa; e por fim, na oitava imagem uma mulher branca grafitando o muro, os analistas do grupo um mencionam que era uma grafiteira e que o grafite é uma arte, e não é vandalismo.

No segundo momento do teste, foi mostrado para o grupo dois, as mesmas imagens, o único elemento que mudou foi a cor da pele das pessoas que apareciam nas imagens, pois nesse momento foram mostradas fotos de pessoas negras, então os profissionais de Recursos Humanos fizeram as seguintes considerações. Na foto 8, eles disseram que a pessoa que estava na foto era uma pichadora; na quinta imagem eles mencionam que era uma diarista limpando a casa, ou seja, uma empregada doméstica; na quarta imagem eles falaram que era um jardineiro; na terceira foto eles mencionam que era um segurança de shopping ou um motorista particular; na segunda imagem eles disseram que a imagem mostrava uma vendedora ou uma costureira; e na primeira imagem mostrada, eles afirmaram que era um ladrão. Aproveitando a discussão do vídeo, é válido mencionar as considerações de Ribeiro (2019 p.63), que explana que:

Frente à realidade do que aconteceu no passado com o processo de escravização ocorrido no Brasil, de pessoas negras, ficou relegado culturalmente e socialmente que ser branco de maneira que portar a “brancura” traz benefícios, é o bônus e, ser negro portar a “negrura” é malefício, é ônus da sociedade brasileira.

Diante de tais colocações, é notável que os dois testes estão em conformidade com a citação acima, como também podemos perceber que, o discurso do vídeo um, sendo o relato de uma menina, também demonstra o quanto o racismo e o discurso étnico-normativo são prejudiciais na vida das pessoas, principalmente na vida de pessoas negras. Voltando para a experiência em sala de aula, será proposta uma discussão sobre o Racismo no contexto escolar, e na sociedade, mediada pelo docente que perguntará aos alunos quais foram as impressões que eles tiveram ao assistir os vídeos e, se, eles mesmos já haviam presenciado alguma situação parecida dentro ou fora da escola. Nessa direção, devido ao trabalho contextualizado e integralizado a qual esta sequência didática propõem. Logo, a SD será desenvolvida de acordo com o contexto em que o docente estará inserido e próprio estipulará o tempo em que as atividades serão desenvolvidas.

5.2 Produção Inicial

Após as discussões sobre a apresentação da situação, iniciaremos a segunda etapa, com o título: *Conhecimento Experiencial*, em que pediremos os alunos para fazer uma breve produção com o gênero relato; com o seguinte tema, *Racismo: Dentro e Fora do Ambiente Escola*. O objetivo será de conhecer um pouco das vivências e opiniões dos alunos, como também proporcionar que a sala de aula seja o lugar no qual os alunos possam expor suas ideias sobre a temática de forma mais próxima, a fim de saber se em algum momento, eles já tiveram contato com alguma situação de racismo, e se eles sabem ou não identificar as situações, nas quais ocorrem, a discriminação. Vale Ressaltar que um dos objetivos dos princípios basilares da Teoria Racial Crítica e “dar voz” aos negos, sendo assim essa segunda etapa da (SD) dará foco a esse elemento. A socialização dos relatos será feita a partir do desejo dos alunos de compartilharem suas produções.

5.3 Módulo I

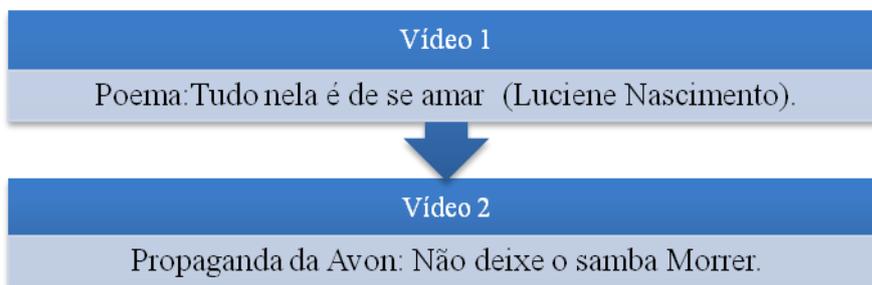


Figura 3: Esquema: Conteúdos do módulo I

A partir da leitura dos relatos de experiências da turma, começa o processo de adequação SD anteriormente planejada, a partir das vivências trazidas e contadas a partir do espaço que os ocupam. Nessa direção, os alunos poderão compreender como o racismo se manifesta em nossa sociedade, mas, teremos que considerar que também haverá pessoas que acreditam que o racismo é um tema pertencente aos livros de história, então, cabe, a nós, como docentes, estarmos preparados para saber lidar com o possível embate, uma vez que, a escola é um espaço em que os sujeitos possuem diferentes posicionamentos ideológicos.

No módulo I, iniciamos com o vídeo¹⁶ do poema, *Tudo nela é de se amar*, de Luciene Nascimento, o qual aborda diversas temáticas, sendo, a crucial, *o que é ser mulher negra na contemporaneidade e as adversidades que tais mulheres encontram* devido ao passado

¹⁶ Disponível em: <<https://youtu.be/chVJNGIFiHw>> Acesso em: 10 de Nov.

histórico escravocrata, que reverbera até os dias de hoje. Assim, o vídeo demonstra o processo lento em que as mudanças estão ocorrendo. Além disso, ressalva o quanto é importante que a sociedade, mais ainda as mulheres negras, tenham consciência de sua identidade, valorizando suas características intelectuais e físicas.

Desse modo, exibiremos uma propaganda¹⁷ da empresa Avon, intitulada, *Não deixe o samba morrer*, a qual demonstra como essas empresas “mudaram” o jeito de fazer suas propagandas a partir do *empoderamento de mulheres negras e transexuais*, a fim de trazer um contraponto à discussão, com o seguinte questionamento: *será que essas marcas realmente estão abraçando o cacheado/crespo, ou não?*

Nesse sentido, é relevante evidenciar a importância da noção de *representatividade para construção da identidade*, levando em consideração que a mídia fortalece e assume o discurso étnico-normativo. No momento final desta aula, faremos uma roda de conversa, a fim de que aqueles (as) alunos (as) que quiserem participar, possam expor suas opiniões. Desse modo, pretendemos colocar questões para fomentar um debate crítico e construtivo, como: 1) Há abordagem nos livros didáticos em relação ao tema discutido? Se sim, qual é esta abordagem? 2) Vocês já ouviram dizer no feminismo negro? 3) Como você percebe a representatividade negra na mídia? E as demandas de produtos de beleza na contemporaneidade?

¹⁷Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=82bHmsodgTc>> 10 de Nov.

5.4 Módulo II

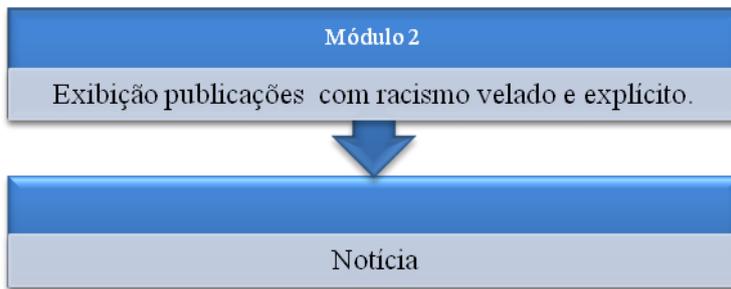


Figura 4: Esquema das atividades – Módulo II

Iniciaremos este módulo mencionando os casos de racismo na mídia e nas redes sociais, em que exibiremos o *prints screen*, (capitulação de tela de celulares e computadores) que mostra a situações de racismo “velado” e explícito, para que os alunos façam leitura crítica das situações, e das ideologias que perpassam nesses discursos, após muitas discussões.



Figura 5: Imagem retirada do site de notícias G1.

Será apresentado também o caso de racismo, o qual, teve grande repercussão nas redes sociais e na mídia, como exposto na figura 5. Trata de um acontecimento, em que uma menina negra sofreu, após postar uma foto de descontração com o namorado, homem branco, em sua página no Facebook. A partir dessa postagem, a publicação, foi compartilhada em outras páginas, que tinham um alcance maior de usuários, e a foto recebeu vários comentários racistas e repercutiu até em jornais, como no G1.



Figura 6: Imagem retirada do site de notícias Record TV.

Além disso, será apresentado também outro caso de racismo, que uma menina negra sofreu, ataques racistas após postar uma foto em um momento de descontração, em sua página no Facebook, a qual Record TV, fez a reportagem¹⁸ intitulada: *Jovem é alvo de bullying virtual por causa de foto*, a partir desse momento a mesma começou a sofrer racismo, pois sabemos que ele se constitui de maneira institucionalizada¹⁹, então o *post* foi compartilhado em outras páginas que tinham um alcance maior de usuários, e nesse momento, a foto tomou uma proporção gigantesca, que pessoas racistas fizeram um Meme (gênero discursivo de cunho humorístico presente nas redes sociais) com a foto da menina, com a seguinte frase “Minha amiga quer ficar com você. – manda uma foto dela.” Desse modo, o traço da jovem negra, segundo o discurso racista, demonstra ausência de beleza, ela se tornou o modelo de mulher “feia”, segundo o discurso étnico-normativo. Após toda a repercussão do caso da jovem, ela não quis mais sair de casa para ir à escola, para não ser reconhecida. Serão discutidos elementos como o título da reportagem e a diferença entre *bullying* e o *racismo* e *os limites do humor* e como o *discurso étnico-normativo* incide sobre as vidas das pessoas negras, e como isso pode destruir a autoestima e a saúde mental de uma pessoa.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SeJNDTwYkiA>> Acesso em: 14 de Nov

¹⁹ Racismo Institucionalizado: Racismo presente em todos os âmbitos da sociedade.

5.5 Módulo III

Após as rodas de conversa, abordaremos o tema *racismo reverso* e o *sistema de cotas*²⁰ e seus pontos *positivos e negativos*. Esses dois temas foram escolhidos, pois, tais assuntos são relevantes para a constituição das identidades. Reconhecemos que este assunto é de extrema relevância, então, seja feita uma abordagem construtiva e reflexiva, demonstrando a importância das ações de afirmativas, como as cotas, e no desenvolver das discussões problematizaríamos: será que somente essa ação afirmativa resolve o problema de inserção do negro na educação? O nosso objetivo é mostrar a importância de emancipação social que as cotas raciais têm e desmitificar o modo como as pessoas no senso comum distorcem essa ação afirmativa, como forma de diminuir o negro em relação aos demais. Será discutido o contexto histórico no qual a população negra teve a educação negada, e que não houve nenhuma política de inserção do negro para a escola, e que por esse motivo, há um pequeno número de negros no ensino superior e as cotas vêm para tentar reparar a dívida histórica.

Para tratar das especulações em torno daquilo que o *discurso acrítico*²¹ sobre as questões raciais nomeiam de “racismo reverso”,²² será exibido um vídeo do rapper Djonga na página do Facebook *Quebrando o Tabu*, intitulado: *Vai falar que todo preto é bandido? Mentira!* Djonga ao ler os comentários menciona justamente essa questão. Por fim, logo após a exibição desse vídeo, conversaremos sobre o racismo institucionalizado e explicaremos que a escravidão foi vivenciada por mais de 300 anos, no Brasil, e que a população negra sofre resquícios dela até nos dias de hoje. Uma vez que, grupos de pessoas não negras colhem “benefícios” da escravidão, pois, a população negra, foi colocada em situação de inferioridade, desde 1888, com a lei áurea²³, que não deu subsídios e valorização real à população negra, colocando a na margem, no escanteio.

5.6 Produção Final

Após as discussões realizadas durante os módulos, será executada uma Produção Final que propõe a uma produção de um *Meme antirracista*, de acordo com o que foi discutido em

²⁰ Sistema de Cotas: Ação afirmativa que visa inserir os negros/pardos/ indígenas juntamente com os alunos de escola públicas no ensino superior, através de políticas públicas que estão pautadas nas leis de nº 12.711/2012 e 11.645/2008, que alteram a lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional e garantem que a História e a Cultura Afro- Brasileira/ Africana e Indígena, sejam incorporadas ao Currículo das escolas brasileira..

²¹ Discurso acrítico: Discursos que não levam em consideração o contexto de produção, circulação e objetivos dos posicionamentos ideológicos.

²² Racismo reverso: Preconceito contra pessoas de pela branca.

²³ Lei Áurea: A lei que “libertou” os negros da escravidão.

sala de aula durante os módulos da sequência didática. Para direcionar a produção, será projetado o meme²⁴



Figura 7: Imagem retirada da plataforma Youtube.



Figura 8: Imagens retiradas da Plataforma Youtube.

O Meme é um gênero discursivo, Multissemiótico²⁵ geralmente de cunho humorístico e traz reflexões acerca de determinadas temáticas sociais. Os Memes criados pelos alunos terão um espaço de circulação, será criado um grupo no WhatsApp, intitulado: *Memes Antirracistas*, a fim de melhorar a comunicação, e ao mesmo tempo, contribuir com ela, e posteriormente, ele compartilharão os memes que eles criaram. Essa produção de memes, contará com o apoio do professor, tanto na parte tecnológica, quanto na parte da escrita, ou no uso de textos não verbais. Após todos os alunos enviarem seus trabalhos finalizados, haverá a

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J1HGIXOkdW0&feature=youtu.be> Acesso em: 14 de Nov.

²⁵ Multissemiótico: Elementos constitutivos de textos verbais e não verbais, que possuem várias semioses, como por exemplo: sons, imagem, cor, movimento, expressões faciais, entre outros.

socialização e exibição física e digital, dos gêneros na comunidade escolar. Assim, a culminância do projeto, acontecerá neste momento, no qual os alunos poderão ver os resultados do trabalho deles, como também a produção de memes dos outros colegas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que a identidade é a forma com que as pessoas se relacionam com as suas experiências de vida. Nessa direção, os resultados da pesquisa sinalizam para a importância de propostas que envolvam o Letramento Racial Crítico e que abarquem a formação de leitores críticos.

Assim, o foco do presente estudo consiste em analisar possíveis contribuições da teoria do Letramento Racial Crítico para a promoção de uma reflexão acerca das identidades sociais, mais notadamente, das identidades negras e dos posicionamentos epistemológicos e axiológicos relativos à raça e ao racismo. A partir dessa discussão, espera-se poder problematizar os discursos preconceituosos/racistas que des/re/velam preconceitos e analisar como a perspectiva do Letramento Racial Crítico pode iluminar uma discussão sobre uma educação antirracista, para a construção de identidades e da valorização da cultura negra para formar leitores críticos e proficientes.

É necessário mencionar a importância de uma formação crítica acerca das questões raciais, para que as práticas pedagógicas possam ser teoricamente orientadas, seja no processo de seleção dos textos a serem trabalhados, seja na elaboração das atividades, seja na condução das discussões. Assim, as escolhas feitas pelo professor poderão propiciar maior eficiência formativa, a medida que são explorados aspectos diferenciados dos conteúdos trabalhados e tecidas as articulações com os diferentes contextos.

Portanto, é notável que o Letramento Racial Crítico traz contribuições para construção da valorização da identidade negra, para que o seu legado histórico seja estudado de maneira reflexiva crítica, e que não fique somente atrelado à discussão da escravidão, mas que seja ligado ao respeito à cultura negra, levando em consideração as pluralidades étnicas existentes nos diferentes contextos sociais.

Abordar a questão racial na perspectiva dos letramentos pode favorecer a resignificação de conceitos, de concepções, de valores e dos discursos e promover deslocamentos de sentido do que seja ensinar línguas. Nessa direção, Ferreira explana que: “aprender uma língua é entender que o outro, primeiro, tem necessidades diversas e que

precisa ser entendido para que, depois, sim, possa se interessar em aprender uma língua que se comunica com ele/ela [...]” (FERREIRA, 2018, p.43)

Diante de tais colocações, reiteramos que a escola tem um papel crítico a desempenhar na promoção da democracia social, ela não deve naturalizar e perpetuar os discursos preconceituosos e de discriminação, mas empreender esforços pedagógicos para que as relações étnico-raciais sejam inseridas no currículo escolar, de modo efetivo. Diante do postulado, é fundamental que haja uma fala intercultural que promova uma educação emancipatória. Nessa perspectiva, acreditamos que o procedimento da Sequência Didática, tal como a elaborada nesse trabalho, possa ajudar na ampliação do Letramento Racial Crítico, a fim de promover uma educação antirracista e a inserir essa temática de modo contextualizado nas práticas educativas.

7. REFERÊNCIAS

ALVES S. Samanta. **Letramento Racial Crítico e práticas educacionais no ensino Fundamental do Município do Rio de Janeiro: A formação Continuada de Professores da sala de literatura e suas narrativas.** CEFET/RJ. 2018, p. 70.

CHANTER, T. **Gênero: Conceitos- Chaves em Filosofia**, Artmed, 2011, disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=XXTGAYMM47IC&oi=fnd&pg=PA6&dq=+teorias+sobre+g%C3%AAnero+mulher+negra+conceito&ots=gPlbxq1Xqt&sig=pkVii9F7VRwaUt28IQtrnF8hsus#v=onepage&q=teorias%20sobre%20g%C3%AAnero%20mulher%20negra%20conceito&f=false>, acesso em: 09/11/2019.

DUBOC, A. P. M. **A avaliação da aprendizagem de línguas e o letramento crítico: uma proposta.** In: JESUS, D. M de; CARBONIERI, D. (Org.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, 47).

FARGANIS, J. **Leituras em Teorias Sociais**, Priscila Zugunovas, 2014, disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=6wHCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=A+principal+corrente+de+pensamento+que+se+vincula+diretamente+ao+nascimento+da+TCR,+sem+d%C3%BAvida,+%C3%A9+o+Critical+Legal+Studies+%E2%80%93+CLS.+No+final+dos+anos+1960,+o+CLS+surge+como+uma+cr%C3%ADtica+%C3%A0+concep%C3%A7%C3%A3o+liberal+e+conservadora+de+que+o+direito+era+qualitati&ots=M8gSFKiu46&sig=nPj1cbw68Qr3gfg7O1QXbZ5yY#v=onepage&q&f=false>, acesso em: 09/11/2019.

FERREIRA, A. de J. **Teoria Racial crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e contranarrativas de Identidade racial de Professores de Línguas**, revista ABPN, volume 6 (2014). P. 247

FERREIRA, A. de J. **Letramento Racial Crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas.** Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. P. 138.

FERREIRA, A. de J. **Educação Linguística Crítica e identidades sociais de raça.** In: PESSOA, R.R., SILVESTRE, V.P.V., MÓR, W.M. (Orgs.) **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias (os) de inglês.** São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

FERREIRA A de J; QUEIROZ M, V, L. **A trajetória da teoria crítica da raça: História, conceitos e reflexões para pensar o Brasil, teoria jurídica contemporânea,** (PPGD/UFRJ), 2018

GANDIN, L, A; PEREIRA, J, E, D; HYPOLITO, A, M. **Para além de uma educação multicultural: Teoria Racial Crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora Glória Ladson- Billings).** Educação e Sociedade ano XXIII, n° 79, 2002. P- 277.

GOMES, N. L. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade.** In: CAVALLEIRO, E. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G. O desafio da diversidade. In: **Experiências étnico-culturais para formação de professores**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GOMES, N. L.; **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras, v. 12, n.1, 2012.

LABORNE, A. A. de P. **Branquitude e colonialidade do saber**. Revista da ABPN, v. 6, n. 13, p. 152.

JESUS, D. M. de.; CARBONIERI, D. Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas. In: CARBONIERI, D. **Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa**. In: Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 47. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. P. 61, P. 133.

LOBO, D de S, NÉDER, M, A, V, FERREIRA, H, M. **Entre omissão e preconceito racial: discurso- acontecimento**, Revista: Exitus, Santarém/PA, vol. 9, 2019.

MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. **Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** 1º edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte – MG: Letramento Editora 2017.

RIBEIRO, E.A; “**Ela parece a empregada da minha casa**”: A relevância do Letramento Racial Crítico para a formação do docente”, [Dissertação de Mestrado/UFLA] 2019.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**.3.ed.- 2 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOUTA, M. **Quando me dei conta de que era negro (a) branco (a)**: Um estudo a partir de relatos autobiográficos de estudantes adolescentes. Ponta Grossa – PR, 2017.

SILVA, M. A. B; AZEVEDO, C. **Letramento**: processos educacionais no contexto social e político.

Revista: Ibero-Americana de Estudos em Educação. Dissertação – Universidade Estadual de Ponta Grossa, SP. 2017.

SOUSA, I, V de **Sequências Didáticas no ensino de Línguas**: experiência, reflexões, e propostas. Jundiá - SP: Paco P Editorial, volume 45, 2018.

VILLARTA-NEDER, M. A.; FERREIRA, H. M.; RIBEIRO, E. A. Letramento racial crítico e a constituição de subjetividades: desafios para a formação de professores de línguas. In: LIANDA, S. (Org.). **O que pode a Linguística?**. Alagoinhas, BA: Bordô-Grená, 2018, v. 1, p. 25-45.